

4.

Práticas discursivas no cotidiano e o jornal como agenciador de atos de fala

Após a revisão bibliográfica do conceito de vulnerabilidade os recortes de jornal voltaram à cena. Em “*Práticas discursivas e produção de conhecimento no cotidiano*”, Mary Jane Spink (2004) apresenta uma proposta teórico-metodológica para o estudo da produção do conhecimento no cotidiano a partir da análise das práticas discursivas. A autora dedica o primeiro capítulo a contextualização histórica do método no âmbito da psicologia social, embora o considere “necessariamente interdisciplinar”. Spink e Frezza (2004) esclarecem que a produção de sentidos é uma forma de conhecimento que se afilia a perspectiva construcionista.

Com foco na psicologia social as autoras se apóiam nas reflexões de Peter Berger, Thomas Luckmann, Kenneth Gergen e Tomás Ibañez para elucidar o conceito. O construcionismo baseia-se em uma concepção não empiricista do funcionamento da ciência e suas formas de investigação, focando-se no conhecimento do senso comum. A crítica desses autores refere-se ao fato de que a compreensão intelectualista estaria negligenciando o conhecimento que as pessoas têm da realidade. As autoras citam Luckmann e Berger¹¹ para explicar que “é precisamente este conhecimento que constitui o tecido de significados sem o qual nenhuma sociedade poderia existir” (p.25).

Segundo Gergen, o construcionismo é uma forma de investigação social que “(...) preocupa-se principalmente em explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual elas vivem” (1985, p. 266). Nesse sentido, uma implicação fundamental da concepção construcionista é a centralidade conferida à linguagem enquanto constituinte das práticas sociais. Introduzindo o conceito de práticas discursivas, Spink e Medrado (2004) falam de *linguagem em uso* com o sentido de referir à dimensão performática da linguagem. Embasados no referencial do construcionismo social, os autores explicam que a produção de sentido é um fenômeno sócio-linguístico que se dá através da linguagem por meio de interações

¹¹ BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

sociais. Deste modo, a autora aponta que a linguagem é ação e produz consequências.

Quando falamos, estamos invariavelmente realizando ações – acusando, perguntando, justificando etc. – produzindo um jogo de posicionamentos com nossos interlocutores, tenhamos ou não essa intenção (...). Um texto escrito constitui um ato de fala impresso, um elemento de comunicação verbal que provoca discussões ativas: pode ser elogiado, comentado, criticado, pode orientar trabalhos posteriores (p.47).

A autora destaca que esse processo não se restringe a comunicações orais – realizadas *face a face* –, mas também inclui as interações midiáticas.

Os recentes avanços tecnológicos têm trazido mudanças importantes na comunicação midiática, introduzindo transformações substantivas nas formas de experienciar a subjetividade que podem ser apreendidas a partir das novas possibilidades de interação. Para além das modalidades clássicas da comunicação *face-a-face* e mediada pela tecnologia, a interação midiática passa a incluir também, seguindo as reflexões de Thompson (1995), a interação “*quasi mediada*” (Spink, 2002, p.152).

Apoiado nas reflexões de John Thompson (1995), Medrado (2004) define mídia como “a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação e conteúdos simbólicos”. (1995, p. 26).

Segundo o autor, a reconfiguração das relações entre o público e privado que a mídia proporciona, por meio de seu poder de dar visibilidade a fenômenos sociais e de construir novas dinâmicas interacionais é questão central no estudo das relações da mídia com a produção de conhecimentos e da própria representação simbólica da realidade.

Medrado segue observando que os pressupostos instaurados por Thompson, através de seu modelo analítico tríplice, composto pelas relações *face-a-face*, *mediadas* e *quase-mediada* sugerem uma ruptura da dicotomia emissor-receptor e problematiza a noção de autoria, uma vez que nas relações *mediadas* e *quase-mediadas* as informações circulam livres de barreiras espaciais e temporais; difundidas sem necessariamente estarem vinculadas com seu emissor original. O autor destaca que a mídia introduziu transformações substantivas nas práticas

discursivas cotidianas, ou seja, nas formas como as pessoas produzem sentidos sobre os fenômenos sociais e se posicionam (p.245).

Deste modo, Spink (2004) conclui que “um texto escrito constitui um ato de fala impresso, um elemento de comunicação verbal que provoca discussões ativas.” A análise de notícias de jornal possibilita uma percepção da situação que se apresenta para além dos números. Nos jornais a informação emerge do cotidiano, noticiada diariamente, citando nomes e causas específicas. Nesse veículo a realidade pesquisada se apresenta em fotos e textos fugindo da estatística fria e distanciada do acontecimento. Assim, como nos sugere Arendt (2006), o jornal – ator político-social – é utilizado na pesquisa como um disparador de discussão, um propagador de *atos de fala* diversos.

Nesse segundo momento, o que nos interessou foi exatamente perceber as ressonâncias dos fenômenos sociais representados nesse veículo midiático na fala dos jovens. Para tanto, na terceira etapa metodológica da pesquisa foram realizadas oficinas caracterizadas como *rodas de conversa* com jovens, em diferentes espaços sociais, objetivando a escuta de suas experiências, suas estratégias de enfrentamento e propostas de soluções sobre o tema da violência, risco e vulnerabilidade nas grandes cidades.